



UM ESTUDO ACERCA DA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO NAS SOCIEDADES ANTIGAS (GRÉCIA E ROMA)

Adilio Jr. de Souza ¹

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade discutir e problematizar os conceitos de Educação em sua origem nas sociedades da antiguidade: *Grécia e Roma*. Busca-se também avaliar as novas concepções adquiridas na contemporaneidade. Esta análise consiste em um estudo diacrônico-historiográfico do vocábulo nos mais variados contextos: culturais, literários, históricos e sociais. Para tanto, o estudo fundamenta-se na concepção de *história antiga* contida na obra *Grécia e Roma*, de Funari (2008), aspectos da educação do político Caio Júlio César, em *Julio César*, de Schmidt (2011), a óptica de Platão sobre educação em *A educação do homem segundo Platão*, de Teixeira (1999) e no debate sobre os conceitos de *Ética* e de *Moral* postulados em *Ethos Mundial*, de Boff (2003). Com base nas leituras apresentadas, os resultados confirmam a tese de que há uma *diferenciação* considerável entre conceitos *modernos* e *antigos* e que há possibilidade para inúmeras outras alterações conceituais (novas significações) nos tempos vindouros. Na atualidade, *Educação* é sinônimo de *sabedoria, conhecimento, cultura* etc.

Palavras-chave: Historiografia da Educação; Grécia; Roma.

INTRODUÇÃO

Atualmente a *Educação* se constrói à medida que o indivíduo perpassa os estágios escolares, isto é, quando ele vivencia os níveis acadêmicos segundo a *Lei n. 9394/06*, art. 21 e art. 44 - Educação Escolar: *Educação Básica* (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio) e *Educação Superior* (Graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado), diferentemente do que ocorria na Antiguidade. Antes não havia qualquer tipo de hierarquia, ou seja, não havia níveis educacionais. O que havia, de fato, eram conjuntos de instruções que se iniciavam desde a mais tenra idade até a idade adulta, sem que isso exigisse um ciclo de estudos pré-estabelecidos. A mudança de instruções se dava pela livre escolha do *preceptor*.

¹ Professor de Linguística da URCA, Unidade Descentralizada de Campos Sales. Pesquisador do Grupo de Pesquisa TLB/UFPB. Mestre em Linguística pelo PROLING/UFPB. E-mail: adilivs@gmail.com.



Havia uma finalidade específica para determinados estudos ou instruções e isso não implicava em um interesse, por parte do aprendiz, pelo aprendizado daquele ofício, a Educação era vista apenas como algo meramente mecânico, desprovido de prazer.

Com os gregos, dotados de pensamentos e reflexões filosóficas, a Educação passa a ter um papel mais significativo para a vida, passando a ser o elemento primordial que ligaria o *ser* ao *mundo*. Logo em seguida, com os romanos, a Educação passa a ser mais valorizada ainda, uma vez que serão os romanos, conquistadores dos gregos, que tudo o que diz respeito à cultura será levado do Lácio aos confins do mundo.

O presente estudo tem como tarefa primordial analisar a concepção de Educação nestes dois povos, comparando-a com as conceituações da atualidade, sob uma visão diacrônica, de caráter semântico, e historiográfico, ou seja, tendo em vista os estados evolutivos nos mais variados contextos, especialmente escritos. Em outras palavras, pretende-se discutir e problematizar sobre os sentidos desse termo. Para tanto, usar-se-á um referencial teórico que permita formular uma comparação histórica dos conceitos precedentes, hodiernos e futuros.

1 A NOÇÃO DE EDUCAÇÃO NO CONTEXTO GRECO-ROMANO

DOCTRĪNA, - Æ, f.: ensino, instrução, educação; conhecimento, doutrina, sistema, método; ciência; arte.
DŌCĒŌ, - ĒS, - ĒRE, DŌCVĪ, DOCTVM, t.: ensinar [...] (SILVA; MONTAGNER, 2009, p. 132).

Desde os tempos mais remotos, os seres humanos sempre tiveram diferentes ópticas do real conceito do que seria a “Educação”. Para os Cristãos (evangélicos ou católicos), por exemplo, todo o conhecimento, seja ele espiritual ou carnal, deve ser aprendido pelos ensinamentos contidos na *Bíblia (Velho e Novo Testamento)*, enquanto que para os mulçumanos, estes preceitos encontram-se no *Alcorão* (livro sagrado do Islamismo).

A Educação aplicada aos povos helênicos e romanos era, na maioria das vezes, tão distinta que, na própria *Grécia* havia cidades como *Atenas*, cujos ensinamentos eram passados por tutores (de origem grega, com um alto grau de conhecimento), um bom exemplo disso é o caso de *Alexandre, o Grande*, que teve como tutor o aristocrata e filósofo *Aristóteles*; havia



ainda cidades como *Esparta*, cujos ensinamentos não eram feitos em casa, mas que deveriam ser conhecidos na rua, isto é, os cidadãos espartanos tinham que sofrer as duras penas da dor, fome, miséria e resistir por muito tempo até que retornassem às suas casas, para então, receberem a “educação espartana”.

Na outra via, em *Roma*, os cidadãos (ricos) tinham em suas próprias residências, escravos, quase sempre oriundos de outras regiões já conquistadas, que eram obrigados a lecionar a língua-mãe aos seus filhos, ou seja, o mestre ou preceptor (do Latim: *MAGISTER / PRÆCEPTOR*) deveria ensinar o Latim/Grego para aqueles.

Há na *Literatura Latina*, exemplos de escravos muito importantes para a história da própria *Roma*, é o caso de *Lívio Andrônico* (*LIVIVS ANDRONICVS*, um escravo grego trazido da cidade de Tarento) que por volta do ano 240 a.C., traduziu a *Odisseia* de Homero diretamente do grego para o Latim, tendo como finalidade o ensino deste idioma para os filhos da família “Lívia”.

Acredita-se que foi com a figura de Homero, visto como o “criador, organizador e modelador da cultura grega” (TEIXEIRA, 1999, p. 13) que os gregos edificaram todos os seus principais ensinamentos; o que o Lívio fez foi apenas oferecer aos romanos a oportunidade de entrar em contato direto com os escritos do poeta grego já muito conhecido por aquele.

Sobre este ponto, entende-se que:

A poesia de Homero possui grande influência no pensamento e na educação dos gregos, porque a poesia, na cultura grega, faz valer todas as forças estéticas e éticas do homem. A arte tem poder ilimitado de conversão espiritual. É o que os gregos chamavam *psicagogia*. Ela busca, ao mesmo tempo, a vida real e a reflexão “filosófica” [...] (TEIXEIRA, 1999, p. 13, grifos do autor).

Desse modo, a influência grega expandiu-se pelo mundo conhecido por meio dos romanos que souberam assimilar a cultura grega. Os cidadãos nascidos no “Lácio” (do Latim: *LATIVM*, região na qual se encontra a cidade de *Roma*) são conhecidos até os dias de hoje, pelo grande apreço pela “escrita”, assim com pelo amor a “espada”, ambas com a mesma intensidade. Para se ter uma noção sinóptica da vida do povo romano, ver-se-á que:

Já mais crescidinho, o menino aprendia a ler e começava a ter aulas, tanto em casa, com professor particular, como em uma escola mantida pelo Estado. Estas eram pouco numerosas e não atingiam a maioria das crianças. O aluno devia levar uma



malinha com o material escolar: tinteiro, penas, cadernos de madeira para os exercícios e encontrava na escola livros que devia estudar. Os alunos iam para casa almoçar e voltavam à tarde para continuar o estudo. Havia, também, brincadeiras e uma das mais comuns era “par ou ímpar”, jogado com castanhas que eram escondidas por um dos dois jogadores, para que o outro descobrisse se eram em número par ou ímpar. Brincava-se com bolas e uns carregavam aos outros nas costas (FUNARI, 2008, p. 100).

Apesar da situação simples relatada nesta passagem exposta, nota-se que os romanos tinham uma preocupação ligada diretamente ao modo de pensar e agir, de forma que até mesmo em uma “brincadeira” podia-se extrair algum aprendizado. É importante ressaltar que a presença constante dos pais constituía um fator determinante na formação das crianças romanas; por mais que existissem escravos (comprados) para este fim, os pais nunca permitiam que o “ensino” fosse completamente conduzido por aqueles, mas sim que eles mesmos fossem os “modelos” a serem seguidos. Sendo assim, a função do escravo/mestre era limitada, isto é, era restrita e específica.

Havia, evidentemente, há um grande contraste na Educação entre cidadãos ricos (patrícios) e pobres (plebe). Estes aprendiam o necessário para sobreviver, aqueles podiam ir bem mais além, tendo a oportunidade de fazer uso dos bons modos e investir em alguma nova profissão e principalmente tinham o privilégio de almejar novos cargos e uma posição elevada na sociedade romana. Em outras palavras, o cidadão romano (rico), na maioria das vezes, podia aprender, por exemplo: *Grego, Latim, Oratória, Retórica e Eloquência*. E então, toda esta instrução o faria um verdadeiro “romano”, de espírito elevado.

2 A EDUCAÇÃO PARA OS POVOS GREGOS E ROMANOS

Defini *Educação* para o mundo antigo não será uma tarefa fácil, pelo contrário fazer isso implica em uma série de encargos. Isso pode se tornar, como se verá mais adiante, um terreno “movediço”. Sabe-se que na *Antiguidade* para se obter o que eles chamavam de “Educação” era necessário, antes de tudo, que tal família tivesse um alto poder aquisitivo, ou seja, era preciso fazer parte da nobreza, império, dinastia, reino etc. dessa forma, se tornar um leitor na *Roma Imperial*, por exemplo, seria uma tarefa impossível para um cidadão pobre do subúrbio.



Partindo deste pressuposto, entender como se dava o ensino nestes tempos passados parece uma busca infrutífera, no entanto, quando se fala em *Atenas*, tem-se de imediato uma óptica completamente distinta, uma vez que a *Grécia* sempre foi considerada “o berço da civilização” e que os atenienses são famosos por serem os “grandes pensadores” de todos os tempos. Ser “grego” é sinônimo de ser “letrado”, pois o povo helênico orgulhava-se de que foram eles os primeiros a valorizarem a escrita, antes mesmo dos romanos.

A *Grécia* sempre ostentou um papel importante para as civilizações posteriores, especialmente para o Ocidente. E é neste ponto que se iniciará este estudo. Nas palavras de Funari (2008, p. 28): “As cidades gregas mais conhecidas são *Esparta* e *Atenas*, dois modelos muito diferentes de organização política. A primeira, uma cidade militar e aristocrática. A segunda, um exemplo da democracia grega”.

Esta distinção não era somente no que diz respeito à “organização política”, também podia ser constatada nos “modelos educacionais” adotados. Isto fica bem claro na seguinte fragmento:

Os meninos espartanos tinham uma educação militar rígida. Nada mais sisudo do que o modo de vida de Esparta. Nesta sociedade de ferro, desde a mais tenra infância, os garotos eram criados como futuros guerreiros, submetidos a condições muito duras, tanto para seu corpo como para seu espírito, de maneira a se tornarem pessoas extremamente resistentes e, por isso, se usa, até hoje, o adjetivo “espartano” para designar a sobriedade, o rigor e a severidade. Ficavam todo o tempo treinando para a guerra. Para aprenderem a suportar a dor, os meninos eram chicoteados até sangrarem e eram ensinados a serem cruéis, desde garotos, caçando e matando hilotas. Os jovens deviam obedecer às ordens dos mais velhos sem qualquer resistência e só podiam falar quando alguém mais idoso o permitisse [...] (FUNARI, 2008, p. 31).

Vê-se nitidamente neste fragmento o quanto a “educação espartana” é, aos dias de hoje, algo inaceitável, mas o que mais impressiona é que para eles, os espartanos, tudo isto era algo perfeitamente compreensível. E mais, “[...] Os rapazes aprendiam a ler e escrever apenas o necessário aos objetivos de se tornarem soldados disciplinados e cidadãos submissos, concentrando-se no aprendizado militar” (FUNARI, 2008, p. 28).

Com isso, educar era sinônimo de “preparar” para a guerra. Em *Esparta*, todos os cidadãos tinham o dever de defender a pátria, mesmo que para isso devesse se sacrificar por esta, dando a sua própria vida e a de entes familiares.



Por outro lado, em um segundo fragmento, entende-se a situação na qual se encontrava a educação ateniense:

Na época áurea de Atenas, por exemplo, o ensino era obrigatório para os rapazes futuros cidadãos. Os meninos começavam aprendendo boas maneiras com os pedagogos (professores escolhidos pelo pai) e depois a ler, escrever, contar e cantar acompanhados da lira além de praticar esportes. Dos 14 aos 18 anos, sua educação baseava-se principalmente nos exercícios físicos, já que dos 18 aos vinte anos os jovens deviam prestar um tipo de serviço militar. O principal objetivo educacional ateniense era formar cidadãos capazes de defender a cidade e/ou cuidar dos assuntos públicos. Preparava também os indivíduos para participar de competições atléticas e musicais e para falar em público expondo idéias com clareza. No tempo da democracia ateniense, não eram só os aristocratas que tinham acesso à educação, bem como ao usufruto da cultura (teatro, artes, música, espetáculos, festas e cultos públicos, debates acalorados) e do poder político, pois os homens do povo, cidadãos mais pobres e sem ‘berço de ouro’, que viviam de seu trabalho, também adquiriram o direito a tudo isso (FUNARI, 2008, p. 44).

A situação, neste caso em particular, é não só distinta, com também é mais favorável ao bem estar dos cidadãos atenienses. Diferentemente dos espartanos, os atenienses mostravam-se mais preocupados com o “futuro” da “nação grega”, uma vez que estes últimos “preparavam” os cidadãos para a vida, sem desprezar a preparação física (exigida aos soldados). Este modelo educacional é evidentemente mais apropriado, por assim dizer, aos povos nascidos em uma civilização dominadora que influenciou as sociedades ocidentais.

O filósofo grego Platão (que viveu nos anos 727 e 347 a. C) debruçou-se por muito tempo sobre o valor da educação para o povo grego e defendia, portanto que há uma ligação muito forte entre o *homem* e o *Estado* (a *polis* – cidade grega), isto é, não pode haver separação entre estes, uma vez que juntos formam um todo significativo.

No que diz respeito ao *homem versus educação*, entende-se que:

O homem é um ser de religião. Vivendo em sociedade, constrói cultura e formas políticas de organização, que se caracteriza pela instituição de leis e formas de governo, as quais garantam a vida em comunidade. Tal empreendimento denominou-se, ao longo dos séculos, de Estado. A educação é um elemento importante na consolidação do Estado. É ela justamente que possibilita a construção da unidade cultural de um povo (TEIXEIRA, 1999, p. 7).

Assim sendo, a organização dos povos helênicos dependia diretamente da relação entres estes e o Estado, de forma que a Educação era o meio mais seguro e preciso para essa



unificação. Platão também acreditava que por meio do conhecimento, através das artes, música e poesia, por exemplo, possibilitava ao homem compreender o seu papel enquanto agente ativo no mundo.

3 JÚLIO CÉSAR: UM ARQUÉTIPO DE EDUCAÇÃO ESMERADA

Tem-se agora uma visão sinóptica e panorâmica sobre a vida na *Grécia* e na *Roma Antiga*. Cabe então, neste momento de reflexão, extrair daquele período, um caso especial, de criação, voltado para a preparação do futuro regente de *Roma*, o Caio Júlio César. Porém, antes de qualquer argumento sobre o fato, é preciso conhecer um pouco mais sobre a família deste nobre romano. Schmidt (2011, p. 13) ao tratar da vida dos pais de César aponta que:

[...] seu pai exerce o cargo de questor, um dos primeiros postos na carreira das honrarias, e ele podia esperar um dia chegar ao posto supremo de cônsul. Ocupado por suas atividades na sede de Roma, ele divide com a esposa Aurélia os cuidados com a educação do jovem César, sabendo que se submetia sem exceção todo jovem patrício [...].

Diante do exposto, nota-se o quão era importante a divisão entre as atividades diárias na vida dos cidadãos romanos: de um lado, o homem voltado para a política, do outro, a esposa dedicada às relações e tarefas da casa. O patrício tinha, portanto, todos os cuidados e ao contrário de muitos outros, “César não foi abandonado aos cuidados incertos e talvez nefastos, para sua saúde, de uma mãe-de-leite, mas que bebeu o leite da mãe e conheceu seus braços afetuosos” (SCHMIDT, 2011, p. 13).

Ainda Schmidt (2011, p. 15-16) lê-se o seguinte comentário:

Para sua aprendizagem intelectual, o pequeno César é confiado a um mestre escolhido entre os escravos gregos, célebres por sua instrução e sua pedagogia. Sob a férula desse professor, que às vezes se abate sobre seus ombros ou sobre seus dedos, ele aprende a leitura, a escrita, a gramática; depois, passados dez anos de idade, a retórica e o grego, é claro, que se impõe a todo romano bem nascido como língua da cultura, da filosofia, da reflexão e da meditação [...].

É evidente que tal sentimento era tão comum em Roma, uma vez como já foi discutida, a Educação dos jovens ficava quase sempre inteiramente na mão de um escravo



alforriado, mas neste caso há algo especial: a mãe de César estava muito preocupada com a situação vivida naquela época (o partido de *Mario*, tio de César, enfrentava o de *Sila* na mais violenta e sanguinária guerra civil). Esta preocupação encerrou-se com uma cerimônia voltada para o deus Júpiter, pois: “Caio Júlio César foi o maior general de Roma, onde nasceu no ano 100 a.C. Recebeu educação esmerada e iniciou, aos 13 anos, sua carreira pública, sendo nomeado sacerdote de Júpiter” (COMBA, 2003, p. 159).

Após isso, César ficou protegido, caso algo acontecesse ao seu tio Mario, nada lhe seria feito, pois todo sacerdote tem a proteção dos deuses romanos. Nos anos seguintes, de acordo com Schmidt (2011, p. 16):

O jovem César prossegue seus estudos não numa das escolas de retórica que começam a se multiplicar em Roma, mas com escravos ou alforriados de uma excepcional cultura, a ponto de serem comparados a dicionários ambulantes. Eram os chamados nomeclatores.

Com isso, vê-se que não um “segredo oculto” na Educação de César, mas o que realmente acontece é a existência de mestres, preceptores, nomeclatores, ou seja, professores altamente qualificados, dotados de conhecimentos variados, especialmente o bilinguismo que o permite conhecer/reconhecer e entrar em contatos com as mais variadas culturas e tradições greco-romanas.

Todo o conhecimento adquirido desde sua infância fará de César, um patrício de origem até certo ponto conhecida, um homem imponente, capaz de realizar grandes feitos em Roma e contrariando alguns críticos de sua época, César:

Galgou, ao depois, todos os postos da magistratura. Em 58, após ter sido cônsul em 59, recebeu por cinco anos (e posteriormente por dez) o governo da Gália Romana (...) ou Gália Narbonense (região que corresponde, mais ou menos, ao atual triângulo: Vienne, Tolosa e Nice). Juntamente com a Gália Narbonense, Júlio César obtivera também o governo de toda a Itália Setentrional (ou Gália Cisalpina), de Turim (*Augusta Taurinorum* ou *Taurusia*) à atual Veneza (*Aquileia*) e parte da Iugoslávia (*Illyrium*) (COMBA, 2003, p. 159, grifos do autor).

As realizações deste romano são, até os dias de hoje, modelos revividos pelos seus sucessores, não só de Roma, mas de todo o mundo conhecido. Fica aqui um questionamento para reflexão, o que teria sido César se não fossem os seus educadores tão qualificados? Não há dúvidas que o mérito também pertence ao jovem romano, mas, sobretudo aos seus



instrutores altamente qualificados, sábios na sua maioria, estes “doutores” daquele período eram capazes de tornar um patrício desconhecido em um nobre cidadão romano, preparado para a vida na elite.

4 A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE

Nessa seção serão discutidas as acepções para o termo Educação. Para isso, vale trazer os verbetes de dois dicionários:

EDUCAÇÃO *s.f.* 1. Ação ou efeito de educar(-se). 2. Desenvolvimento integral e harmônico de todas as faculdades humanas. 3. Bons modos; cortesia; polidez [...].
EDUCAR *v.t.* 1. Promover (no educando) o desenvolvimento harmônico de sua capacidade física, intelectual e moral [...]. (LUFT, 2000, p. 259).

EDUCAÇÃO

[Do lat. *educatio*.] Substantivo feminino. 1. Ato ou efeito de educar(-se). 2. Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social: *educação da juventude; educação de adultos; educação de excepcionais*. 3. Os conhecimentos ou as aptidões resultantes de tal processo; preparo: *É um autodidata: sua educação resultou de sério esforço pessoal*. 4. O cabedal científico e os métodos empregados na obtenção de tais resultados; instrução, ensino: *É uma autoridade em educação, sendo seus livros largamente adotados*. 5. Nível ou tipo de ensino: *educação primária; educação musical; educação sexual; educação religiosa; educação física*. 6. Aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas. 7. Conhecimento e prática dos usos de sociedade; civilidade, delicadeza, polidez, cortesia: *Vê-se que é pessoa de muita educação*. 8. Arte de ensinar e adestrar animais; adestramento: *a educação de um cão, de uma foca*. 9. Arte de cultivar as plantas e de as fazer reproduzir nas melhores condições possíveis para se auferirem bons resultados. Educação a distância. 1. V. *teleducação*. Educação especial. 1. Modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais (v. *portador de necessidades especiais*) (FERREIRA, 2010, s/p).

As acepções aqui trazidas não revelam, obviamente, uma conceituação completa para os termos *Educar* e *Educação*. Para se chegar a uma idéia precisa do valor destas palavras para as sociedades atuais é necessário avaliar melhor e mergulhar mais profundo nesta reflexão.



De início, define-se o *Educar* como o ato pelo qual se desperta naquele que está envolvido neste processo, o interesse e a motivação para desenvolver as habilidades que possui e dessa forma, criar estratégias para aprender/aplicar tudo que lhe proposto ou apresentado.

Tomando-se esta concepção, a *Educação* será o resultado deste desenvolvimento de habilidades e sua conseqüente assimilação. O processo criativo adquirido através da evolução das inúmeras atividades fisiológicas e cognitivas (mentais) permitirá aos indivíduos fazerem uso das escolhas certas, terem a capacidade de realizar um número ilimitado de realizações, aprenderem novas tarefas a cada momento e principalmente ter a faculdade de pensar nos efeitos de suas ações, tendo ainda o conhecimento de seu papel no meio social. Portanto:

A educação é um processo social que muitas vezes envolve grupos pequenos, como a família, ou grandes, como a comunidade. Os processos dependem muito do estado em que se encontra, de maneira geral, o corpo social. O fato é que toda mudança na estrutura política, econômica, social deste grupo mais amplo influencia a educação. (COLOSSI; CONSENTINO; QUEIROZ, 2001, p. 50).

Por outro lado, o surgimento das teorias da aprendizagem, que visam analisar as faculdades intelectuais e a evolução humana, bem como os estudos das ações individuais e coletivas, destes últimos cinco séculos, possibilitou as sociedades compreenderem cada vez mais os valores humanos. E com isso, a Educação se tornou o elemento principal nestes desenvolvimentos, pois sem esta, a humanidade não teria condições de refletir sobre as suas ações. A Educação teria um papel de “humanização”, conceito este proposto ainda por Platão.

Há uma preocupação muito grande sobre estes aspectos, uma vez que a maioria dos países subdesenvolvidos percebeu que o fator determinante na mudança no quadro social de um país emergente (como é o caso do Brasil) é o investimento na Educação daquele povo.

Nos primeiros três dias do início de novembro, o Programa das Nações Unidas divulgou os resultados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que leva em conta vários aspectos, tais como: Saúde, Renda e Educação. A pesquisa apontou que em uma escala de 187 países, o Brasil fica na 84ª posição, tendo a Noruega ocupando a 01ª posição na referida pesquisa (Informação Verbal) ².

² Reportagens divulgadas no Jornal Nacional (Rede Globo), Jornal da Band (Band), Jornal do SBT (SBT), Hora News (Record News) e Jornal da Record (Rede Record), no Brasil, nos dias 02, 03 e 04 de Novembro de 2011.



Dados como este também mostram o investimento na Educação ainda não é suficiente, pois como se sabe, países como os Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, China, Noruega, Itália, Alemanha e Canadá investem altas quantias diretamente para este fim, de forma que os investimentos para a Educação aproximam-se dos valores voltados para a Saúde. Isto não significa dizer que tais países investem pouco nas outras áreas, mas o fato é que há uma dedicação exclusiva sobre esta, tornando-a alvo dos olhares visionários, que se mostram preocupados com a situação mundial.

Outro ponto pertinente são as escolas, vistas como ambientes determinantes na qualidade de ensino e que tal espaço propicia o contato direto entre alunos e professores de uma mesma sala, bem como de alunos de outras escolas, favorecendo assim as “trocas” de informações além das *interações sociais*.

Este é a imagem de uma situação favorável ao aprendizado. Diferentemente do que ocorreu em algumas escolas europeias, nas quais havia a separação entre escolas só para homens e outras, só para mulheres. Hoje, no Brasil, a grande maioria das escolas decidiu uni-las, percebendo que não razão para tal separação.

Os modelos educacionais modernos estão sendo constantemente modificados, para melhor atender aos interesses das comunidades. E nestas mudanças, embasadas em leis e regras estabelecidas pelos governos de cada país, criam-se expectativas de melhorias.

Ressalta-se aqui, mais uma vez, um ponto bastante pertinente que diz respeito aos educadores, a qualificação. Não se pode ter uma educação de qualidade se a formação dos educadores é falha, pois é através destes que o processo educativo se realizará como algo real e possível; há então, nesta questão por parte do governo brasileiro, por exemplo, uma preocupação muito grande quanto à qualificação dos docentes.

O docente deve ter os conhecimentos necessários (mínimos) para poder estar em sala de aula; nos chamados países de primeiro mundo, como se sabe, para ser um professor é preciso, antes de qualquer coisa, ter as competências e habilidades de altíssimos níveis para exercer esta função em uma determinada escola ou universidade. No Brasil, haja vista ter o desejo de crescer cada vez mais, há também uma série de pré-requisitos mínimos para exercer o magistério, a saber: ter cursado uma Faculdade/Universidade/Instituto Superior, passando pelos níveis acadêmicos: Graduação (licenciatura ou bacharelado), Pós-Graduação



(Especialização, Mestrado e Doutorado), regidas pelos dispositivos legais que ora estão vigentes pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) ³.

Para muitos, é dever dos pais “guiarem” os seus filhos nas escolhas da vida e, portanto, a Educação passa a ter um conceito de “norma” ou “orientação” familiar; um cidadão cumpre as orientações e princípios de sua família. Temas como este são matérias de discussão de *Jornais, Conferências, Pesquisas, Simpósios* entre outros meios de debates.

Há também outros debates voltados para o público evangélico (ou não) como o que foi exibido no início deste mês no “Fala que eu te escuto”, cujo tema central era: “Loucuras na madrugada: o que mais mudou foi o conceito de diversão para os jovens, o de educação para os pais ou as amizades?” (Informação Verbal) ⁴. No referido programa noturno, comentou-se que a Educação dos jovens brasileiros perdeu o caráter punitivo e que não há mais regras, pois os pais, na maioria das vezes, não conseguem lidar com as dificuldades enfrentadas.

Desta forma, a Educação deveria estar ligada aos princípios morais e éticos, bem como unidos aos princípios religiosos de um determinado povo, neste caso, ao referir-se aos cristãos. É importante deixar claro a distinção entre *Moral* e *Ética*, pois como aponta Boff (2003, p. 28):

No encaminhamento destas questões, precisamos voltar ao sentido da ética e da moralidade. Todas as morais, por mais diversas, nascem de um transfundo comum, que é a ética. Ética somente existe no singular, pois pertence à natureza humana presente em cada pessoa, enquanto a moral está sempre no plural, porque são as distintas formas de expressão cultural da ética.

Diante do exposto, compreende-se que a “criação” de indivíduo é algo que vai além dos simples ensinamentos de um pai; o cidadão molda-se em uma educação que deve, antes de tudo, estar enraizada em todos aqueles princípios, cabendo aos pais uma árdua tarefa de guiá-los nos caminhos da vida, tomando por modelo as *tradições*, as *morais* e a *ética* do povo no qual se acham inseridos; enquanto que para a sociedade restaria o dever punir ou até mesmo excluir todos aqueles que não se enquadrem nos preceitos estipulados por esta.

³ Sobre isso, ver: BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996.

⁴ Debate que acontece todos os dias pela madrugada, apresentado pelo Bispo Clodomir Santos, da *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD), na (Rede Record), no Brasil; este programa que aqui está sendo comentado foi ao ar no dia 02 de Novembro de 2011, a meia noite.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi dito nas seções anteriores, pode-se dizer que:

a) a Educação para os gregos dividiam-se, basicamente, em três tipos: (i) para a guerra, (ii) para a formação intelectual e filosófica e (iii) para a política/religião;

b) a Educação para os romanos dividiam-se, igualmente, em três tipos: (i) para a artes bélicas, (ii) para as outras artes (filosofia, política, oratória e literárias) e (iii) para a ascensão política/religiosa;

c) a Educação para as outras nações, atualmente, divide-se em: (i) conhecimento do homem e do mundo no qual vive, buscando a melhoria desse meio (ii) desenvolvimento das habilidades físicas, moral e intelectual do ser humano, tendo em vista o conhecimento das ciências (exatas, humanas, biológicas, sociais etc.) e (iii) crescimento intelectual, visando a ascensão acadêmica ou profissional.

O presente estudo não tinha a pretensão de esgotar o tema, mas o de refletir sobre a variabilidade de noções que o termo Educação evoca desde os tempos de Platão. Neste sentido, a noção de Educação não apenas mudou o sentido originário, como também passou a fazer parte e sinônimo de cultura, conhecimento, sapiência, tradição e história das noções que muito se espelharam no mundo antigo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996.

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

COLOSSI, Nelson; CONSENTINO, Aldo; QUEIROZ, E. G. Mudanças no contexto do ensino superior no Brasil: uma tendência ao ensino colaborativo. Rev. **FAE**, Curitiba, v. 4, n.1, p. 49-58, jan./abr. 2001

COMBA, Júlio. **Programa de latim**: introdução aos clássicos latinos. Vol. II, rev. e atua. São Paulo: Editora Salesiana, 2003.



TEIXEIRA, Evilázio F. B. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. versão 7.0. São Paulo: Positivo Informática Ltda., 2010.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**: vida pública e vida privada – Cultura, pensamento e mitologia – Amor e sexualidade. São Paulo: Contexto, 2008.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. (colaboradores) Francisco de Assis Barbosa & Manuel da Cunha Pereira; (org. e sup.) Lya Luft. São Paulo: Ática, 2000.

SILVA, Amós C.; MONTAGNER, A. Ceolin. **Dicionário Latino-Português**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCHMIDT, Joël. **Julio César**. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2011.